

DOI: 10.33947/1980-6469-v14n1-3666

SEÇÃO TEMÁTICA: LITERATURA, SEXUALIDADE E ESCOLA**MORALIDADE RELIGIOSA E REPRESSÃO SEXUAL: A ATUALIDADE DE NELSON RODRIGUES PARA REFLEXÃO ACERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL****RELIGIOUS MORALITY AND SEXUAL REPRESSION: THE ACTUALITY OF NELSON RODRIGUES FOR REFLECTION ABOUT SEX EDUCATION**Douglas Paulino Barreiros¹**RESUMO**

O presente artigo trata acerca da sexualidade como objeto de educação pautada no moralismo e no conservadorismo. Essa marca, no que se refere à educação sexual, perpassa tanto a educação familiar quanto a institucional. Apesar de rígida, e permanentemente vigiada, a sexualidade escapa à moral conservadora que acaba por se materializar em atos, gestos, posturas publicamente aceitas, mas que escondem desejos, afetos e sentimentos que se manifestam na intimidade ou afloram em momentos específicos da vida humana. Assim, o argumento moralista conservador de que educação sexual deve ser reservada exclusivamente ao âmbito familiar deixa transparecer a ideia de que a sexualidade pode ser controlada, e mesmo modificada, se alguns de seus traços não corresponderem aos parâmetros de sexualidade padronizados sobre matriz heterossexual. Tais procedimentos acabam por se orientar na negação da própria sexualidade, além de hipocritamente defender que ela nada influencia em nossas vidas. A obra “Toda Nudez será Castigada”, do dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues, é construída sobre a contradição entre educação moral conservadora e o desejo humano, que mesmo reprimido emerge em diversos contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação sexual. Homossexualidade. Educação e Literatura. Nelson Rodrigues.

ABSTRACT

This article deals with sexuality as an object of education based on moralism and conservatism. This mark, with regard to sex education, pervades both family and institutional education. Although rigid and permanently watched, sexuality escapes the conservative morality that ends up materializing in acts, gestures, postures publicly accepted, but that hide desires, affections and feelings that manifest in the intimacy or appear at specific moments of human life. Thus, the conservative moralist argument that sexual education should be reserved exclusively within the family sphere reveals the idea that sexuality can be controlled and even modified if some of its traits do not correspond to standardized sexuality parameters on heterosexual matrices. Such procedures end up being oriented in the negation of the own sexuality, besides hypocritically defend that it has nothing influence in our lives. The play “All Nudity Will Be Punished” by the Brazilian playwright Nelson Rodrigues is built on the contradiction between conservative moral education and human sexual desire, which even repressed emerges in various contexts.

KEYWORDS: Sex education. Homosexuality. Education and Literature. Nelson Rodrigues.

¹ Doutorando em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência na Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Professor de Educação Básica II, na rede pública do Estado de São Paulo.

Introdução

Estudiosos e analistas tem apontado a atual conjuntura política brasileira como resultado de um processo iniciado com as chamadas “Jornadas de Junho”, de 2013. Deflagrada inicialmente como protesto frente ao aumento da tarifa de ônibus na cidade de São Paulo, as manifestações se ampliaram em número de participantes e pautas. Sem liderança determinada, de caráter essencialmente popular, as manifestações foram marcadas pela rejeição aos partidos e o clamor por melhoria nos serviços públicos, sobretudo Saúde e Educação, bem como a exigência do fim da corrupção.

Diversas representações conservadoras e reacionárias emergiram desse processo. O radicalismo e o “politicamente incorreto”², conquistaram parcela significativa da população. Os discursos de ódio³, pautados na punição severa, incluindo a morte, de criminosos e corruptos, colocaram em dúvida a importância dos direitos humanos. Setores mais radicais passaram a defender abertamente o porte de arma, a ditadura militar, a tortura, o combate ao *kit gay*⁴, a “ideologia de gênero”⁵ e o fim das cotas na educação.

Miguel (2018) argumenta que a reemergência da direita brasileira não é um fenômeno inédito, afinal, ela nunca esteve ausente da política nacional. Em verdade, os grupos conservadores participaram de todos os governos, inclusive daqueles identificados como mais progressistas. Apesar de diversificados, tais agrupamentos se mobilizam em torno de pautas cujo eixo norteador tem sido o trabalho ideológico de demonização dos partidos progressistas, movimentos sociais e programas de caráter social democrata. O eixo político discursivo conservador de direita sedimenta-se sobre grandes frentes: o liberalismo econômico, o fundamen-

² Este conceito surge em oposição ao de “politicamente correto”, que é a defesa por uma linguagem menos ofensiva, mais cuidadosa, quanto as minorias sociais.

³ É chamado discurso de ódio as mensagens que promovem a rejeição e incitam a discriminação hostil e violenta contra alguém ou grupo de pessoas em virtude de raça, religião, nacionalidade, orientação sexual, gênero, condição física ou outra característica. O discurso do ódio é utilizado para insultar, perseguir e justificar a privação dos direitos humanos e, em casos extremos, para dar razão ao homicídio.

⁴ Termo pejorativo atribuído ao conjunto de materiais didático pedagógicos organizados pelo MEC destinado ao combate a homofobia no contexto escolar.

⁵ Pseudo conceito científico para referir-se aos estudos de gênero desqualificando-o. Defendido por setores religiosos pautados na má fé e desonestidade intelectual.

talismo religioso e o anticomunismo reeditado.

Esses posicionamentos políticos tiveram expressiva votação no processo eleitoral de 2018, que elegeu candidaturas sustentadas na promessa de nova ordem moral e política. Desta forma, foi aberto um cenário de forte intolerância, mediocridade e hipocrisia, que coloca em risco a democracia e as liberdades sexuais. Esse contexto, quanto a hipocrisia social, se aproxima daquele no qual está inserida a produção literária do dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues.

Base de importantes debates, conferências, congressos e outras ações coletivas, a educação é compreendida como área de fundamental importância. Dado seu valor, a educação formal é objeto de disputa política. Nessa concorrência, um dos centros geradores de antagonismos diz respeito a educação sexual.

Presente na vida das pessoas, a sexualidade se refere ao conjunto de elementos particulares, culturais e sociais assentados em práticas discursivas, históricas e simbólicas, que excedem as condutas sexuais genitalizadas. Os estudos pioneiros de Freud (2017), demonstram que a sexualidade não apenas está presente em nós, mas nos constitui desde o início da vida. Diferentemente do que se pensava, a sexualidade não é algo que se desenvolve a partir da puberdade, mas logo após o nascimento, nos acompanhando por toda a existência.

De acordo com Freud (2017), a libido é a energia vital advinda dos instintos sexuais e de sobrevivência. Essa energia faz parte do *id*⁶ sendo mesmo a força motriz de todo comportamento humano. Freud (2017) percebeu que o desenvolvimento infantil passa por diferentes estágios psicosssexuais. O corpo é todo erotizado, ou seja, há diferentes partes corporais de localização da excitação sexual, zonas erógenas. Somma-se a isso o desenvolvimento gradual das formas de gratificação e de relação com o objeto do desejo. Para se tornar adulto psicologicamente bem-sucedido e saudável, é necessário que cada uma das fases seja vivenciada em plenitude. Para que isso ocorra, faz-se imprescindível o cuidado adulto, conceituado por Winnicott (1989) de maternagem satisfatória.

⁶ O “id” na teoria freudiana é o componente da personalidade composto de energia psíquica inconsciente que trabalha para satisfazer impulsos básicos, necessidades e desejos. O id opera com base no princípio do prazer, o que exige a satisfação imediata das necessidades.

Nesse sentido, o ambiente facilitador é de fundamental importância para o desenvolvimento humano. Quando trata sobre esta questão não se apregoa ser esse local repleto de recursos. Casas simples podem ser fonte de provisionamento de necessidades da criança, que nesta fase requer cuidados afetuosos como amamentar, acalantar e aconchegar. Cuidados possíveis e desejáveis, não restritos a mãe biológica. Esse é o sentido de “maternagem satisfatória” (WINNICOTT, 1989) tratado pelo estudioso, que apresenta a questão como uma de suas teses principais.

Ainda a respeito do ambiente facilitador satisfatório e da maternagem suficientemente boa, o estudioso lembra que na ausência, ou falta deles, pode ocorrer o amadurecimento falso do adolescente. Isso sobrevém nos casos em que o imaturo precisa assumir responsabilidades de cuidador de si mesmo e/ou de outras pessoas. Em determinadas circunstâncias, o jovem pode ser convidado a assumir alguma responsabilidade como resultado de dada dificuldade familiar. O problemático, para o autor, é quando a obrigação é colocada de maneira deliberada para transferência de responsabilidade adulta para o adolescente (WINNICOTT, 1989).

A escola é uma das instituições voltadas para o atendimento de crianças e adolescentes. Lendo Winnicott, parece-nos que o mais sensato talvez seja pensá-la a partir do conceito de “ambiente facilitador satisfatório”, consoante ao que propõe o estudioso ao tratar do espaço familiar. Para ele “não há crescimento emocional a não ser em relação à provisão ambiental, que precisa ser satisfatória” (WINNICOTT, 1989). Argumenta ainda, que a privação desse ambiente pode resultar em dificuldades que levam crianças e adolescentes a requererem, inclusive, intervenção profissional.

A adolescência tem início com a puberdade e nessa fase a sexualidade se mostra bastante complexa, pois geradora de conflitos. Os adolescentes passam nesse período pela sexualidade indefinida, na qual não sabem ainda se são héteros, homossexuais ou simplesmente narcisistas (Winnicott, 2018). Por se tratar de período de transformações físico emocionais, os adolescentes frequentemente passam por ciclos de masturbação compulsiva, muitas vezes praticada como alívio de tensões. As práticas sexuais são muito mais de descobertas do que a união de dois sujeitos

completos (WINNICOTT, 2018).

Ainda a esse respeito o autor argumenta que o modo como os adolescentes encaram a sexualidade foi profundamente alterada em decorrência da cura de certas infecções sexualmente transmissíveis, do surgimento de métodos anticoncepcionais, bem como a iminência da bomba atômica, “três mudanças que estão afetando a consciência da sociedade” (WINNICOTT, 2018), alterações que abriram maiores possibilidades de livre experiências sexuais.

Se “as doenças venéreas não assustam mais” (WINNICOTT, 2018), uma vez que podem “ser combatidas pela penicilina e outros antibióticos” (WINNICOTT, 2018), a pandemia de AIDS, que surge na década de 1980, tampouco parece ser temida pelos adolescentes, ainda que essa síndrome viral permaneça incurável.

Rubin (2010) aponta que apesar dos adolescentes de até 21 anos comporem a faixa etária que mais faz uso de preservativo, são também os primeiros a abandonar o uso da camisinha aos primeiros sinais de relacionamento estável. Em matéria veiculada na revista *IstoÉ*, a jornalista apresenta dados de 2010 levantados pelo Ministério da Saúde apontando que 60% dos adolescentes e jovens fazem uso de preservativo na primeira relação sexual, ao passo que apenas 30% mantém o uso da camisinha ao iniciarem relacionamento estável. Apesar da diminuição de contágio pelo vírus HIV, as infecções crescem a cada ano nas faixas entre 13 e 21 anos de idade e acima de 60.

Taquette (2009) aponta que na década de 1980 os homens eram maioria entre as vítimas da AIDS, na razão de 26 para cada mulher. No entanto, com o passar dos anos esse perfil epidemiológico se alterou profundamente e a síndrome viral se feminizou. O maior número de casos notificados está na faixa etária de adulto jovem e, devido ao longo tempo de latência do vírus da imunodeficiência humana (HIV), a contaminação deve ter ocorrido na adolescência. Na atualidade, a razão de infectados entre homens e mulheres já se inverteu entre os mais jovens. Para cada 10 moças acometidas têm-se seis rapazes.

Como se observa, ao argumentamos que educação sexual deve ser reservada ao âmbito familiar, negamos a sexualidade mesma, além de hipocritamente defendermos que ela nada influencia em nos-

sas vidas. Todavia, ao analisarmos a questão mais de perto, ou seja, à luz da ciência, intuímos que na realidade família e escola, parceria que precisa acontecer, são falhas quando o tema é sexualidade.

Assim, ignorar a sexualidade parece mesmo ser um contrassenso. Freud (2017) nos mostrou que sem ela não há sequer existência humana. Winnicott (1989) percebeu que os cuidados para com o desenvolvimento, inclusive sexual, de crianças e adolescentes é de fundamental importância. Dados recentes do próprio Ministério da Saúde nos alerta que há graves problemas decorrentes de práticas sexuais desprotegidas que afligem adolescentes em todo o território nacional. Diante disso, é bastante problemático pensar uma escola que passe ao largo da discussão a respeito de sexualidade. Nesse sentido, o discurso falacioso de que esse tema deve ser tratado exclusivamente pela família nos remete a mais velada hipocrisia tão representada na obra rodrigueana.

Nelson Rodrigues é considerado um marco da dramaturgia brasileira. Suas peças caracterizam-se pela ousadia com que tratam temas polêmicos. Em sua ampla maioria são temáticas relacionadas a sexualidade, como incesto, crimes passionais, adultério e homossexualidades. A crítica literária considera Nelson Rodrigues um dos principais integrantes da geração modernista de 1945, juntamente com Ariano Suassuna, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto.

Muitas de suas personagens femininas são construídas a partir de questões sócio culturais bastante fortes em sua época, cujos resquícios ainda pairam sobre o século XXI. Trata-se, por exemplo, da valorização da virgindade feminina compreendida como sinal de pureza, integridade e bom caráter, opostos a promiscuidade, safadeza e má índole, que seriam características de todas aquelas que se iniciam sexualmente antes do casamento. Todo esse marco discursivo está fortemente relacionado com a noção de santidade e pecado. Interessante notar que essas questões emergem do cotidiano familiar, desmascarando assim a hipocrisia. Soma-se a esses tópicos a escolha do espaço. Suas obras trazem para o centro do palco a periferia da grande cidade, especificamente do Rio de Janeiro.

Todavia, sua obra é reconhecida não apenas

por tratar assuntos controversos, mas pela qualidade mesma de sua escritura. Textos marcados pela originalidade e criatividade na elaboração de ficções que captam o interesse do leitor/expectador desde as primeiras cenas. Apesar de não variar os temas abordados, suas histórias passam ao largo da trivialidade, pois são sempre diferentes e originais. Sua produção retoma técnicas do melodrama, cultiva o mal gosto, revaloriza o *kitsch*⁷ dando ao conjunto da obra uma estética popular que a distância estilisticamente das regras acadêmicas do teatro erudito (Magaldi, 1990).

O dramaturgo caracterizou sua obra como “teatro desagradável”, pois suas peças tratam a realidade mesma que atravessa o cotidiano de todas as famílias, mas que precisam permanecer escondidas, camufladas, silenciadas. Por conta disso, o texto rodrigueano expõe, justamente, o que as “pessoas de bem” não querem, ou melhor, se recusam ver. Como não produziu sua obra pensando em agradar a ninguém, foi considerado tarado, pervertido e pornográfico. Um perigo para a juventude, famílias e para a “moral e os bons costumes”. Na realidade, ele faz de seu teatro a síntese mimética do vazio existencial de cada um de nós (MAGALDI, 1990).

Depois de passar por problemas com a censura, “Toda Nudez Será Castigada” (1990) teve sua estreia em 21 de junho de 1965, no Teatro Serrador. Sob direção de Ziembinski, a peça foi descrita por Nelson Rodrigues como uma “obsessão em três atos”. No primeiro ato, a prostituta Geni narra em *off* uma história que já ocorreu, narrativa esta que é encenada pelas personagens que se sucedem. Abre-se, portanto, o duplo temporal, bastante marcante na obra rodrigueana, ou seja, há o tempo da narração e o da narrativa. A entrada em cena das personagens é marcada justamente pela alternância da temporalidade. À medida que a voz gravada de Geni narra o que se passou, as personagens vão compondo os quadros e as cenas.

Quando não estão presentes na narrativa da prostituta, o recurso dramático utilizado é o da citação de uma personagem por outra. Assim acontece com Serginho que é referenciado por Herculano, mas que só entra em cena no segundo ato. Patrício, irmão de

⁷ Kitsch é um substantivo de origem alemã para descrever algo como de mau gosto. No âmbito da estética é um conteúdo criado para apelar ao gosto popular como bibelôs, “pinguins de geladeira”, reproduções baratas de obra de arte etc.

Herculano, é quem articula toda a trama narrativa. Esse personagem, homem economicamente falido, parece ter tudo planejado para se vingar daquele que “podia ter evitado tudo com um gesto, com uma palavra (*incisivo*). Mas não fez o gesto, nem disse a palavra. E fui pra cucuia!” (RODRIGUES, 1990).

É Patrício quem, estrategicamente, apresenta a prostituta Geni ao irmão “melhor partido do Brasil. Dinheiro aí é” (Rodrigues, 1990) e a introduz na família puritana dirigida por três mulheres, as tias, idosas, religiosas, virgens e solteironas. São elas que pedem ajuda a Patrício para salvarem Herculano de uma possível tentativa de suicídio decorrente do luto pela morte da esposa que morrera de câncer no seio. O recurso delas é chamar Pe. Nicolau para conversar com o depressivo viúvo, ao que Patrício se recusa por entender que “os cínicos enxergam o óbvio! A salvação de Herculano é mulher, sexo! (*triumfante*). Para mim, não há óbvio mais ululante!” (RODRIGUES, 1990).

Tendo obtido sucesso em sua empreitada de aproximação do viúvo com a prostituta, ardidamente conta a Serginho, rapaz de 18 anos educado pelas tias, que mantem o hábito de dar-lhe banho, mesmo depois de crescido. Ao saber do envolvimento do pai com “uma vagabunda! Quis ver com o próprio olho” (RODRIGUES, 1990), o pai “e essa (*não lhe ocorre a palavra*), os dois, nus, de noite, no jardim, nus!” (RODRIGUES, 1990). Diante da cena de nudez o moço é acometido de descontrole emocional. Pela primeira vez ingere bebida alcoólica, toma parte numa confusão e vai parar na cadeia. Na prisão conhece o ladrão boliviano, que diante dos outros presos o estupra, causando nas tias a mais tremeluzada revolta. “(*andando pelo palco*) Quando eu era garotinha, eu vi meu pai dizer – “Pederasta, eu matava!” (*com súbita energia para Geni*) Mas o menino não é nada disso. Um santo, um santo!” (RODRIGUES, 1990). Alinhada ao pensamento conservador, ainda presente na contemporaneidade, a tia prossegue “Devia morrer, era melhor que morresse [...] Meu pai, se fosse o Hitler, mandava matar todos os pederastas” (RODRIGUES, 1990).

Conforme notado anteriormente, Patrício articula toda a trama prevendo o final trágico de sua ação. Ao visualizar o óbvio, o personagem consegue desconstruir e desestabilizar a imagem da família moralista, que se mostra socialmente como família na qual todos os

membros são castos, exceto ele, que desde o início se define como alguém que não se deixou levar pela educação moralista cristã das tias solteironas e virgens. Dessa maneira, a narrativa rodrigueana, valendo-se da técnica dramática do tragicômico, expõe as patologias familiares. Por meio da suspensão da lógica discursiva, o dramaturgo provoca o estranhamento que emerge das falas provocativas de suas personagens.

É no segundo ato, que Herculano monta uma *garçonnière*⁸ destinada aos encontros amorosos com Geni. Nesse espaço experimenta o conflito decorrente do desejo de casamento e a necessidade de esconder a prostituta da família e da sociedade. As tias – nº1, nº2 e nº3 – que aparecem logo no início da peça, não tem nome próprio, compondo assim o coro uníssono que a todo momento reafirma a doença obsessiva familiar.

São três mulheres contrárias ao sexo, idosas e virgens que atuam como centro moralizador da família, que precisa manter a aparência de sobriedade, castidade e religiosidade, tão valorizadas socialmente. Ao ficar órfão, Serginho é cuidado por esse trio que alimenta no garoto a obsessão de tornar sempre viva a presença da mãe morta. Existência essa reforçada pelas idas diárias ao cemitério, pelo controle da sexualidade do garoto, expressa no banho vigiado e no controle das cuecas do rapaz na busca de identificar, e corrigir, qualquer vestígio de sexualidade.

No terceiro e último ato, Geni, que tomara conhecimento do estupro por meio das tias, mostra-se também repulsiva a homossexualidade, “quando eu vejo uma colega despida, sinto um enjoo. Você não faz ideia, o enjoo!” (RODRIGUES, 1990, 227). E num rompante de culpa cristã consola o amante; “eu não abandono o homem que está por baixo! (*na ânsia de convencê-lo*). Ninguém me conhece, mas eu me conheço. Herculano, eu preciso ter pena. O meu amor é pena. Eu estou morrendo de pena. Juro, Herculano! Pena de ti e do teu filho” (RODRIGUES, 1990, p.216).

Patrício, seguindo seu plano de vingança e desmascaramento da hipocrisia familiar, consegue manipular Serginho; “você odeia seu pai, eu odeio meu irmão. Odiamos o mesmo homem! (*mais baixo ainda, com um riso curto e pesado*). Precisamos não esquecer as tias, hem, Serginho?” (RODRIGUES, 1990). Assim, convence o rapaz de que a melhor vingança

⁸ Pequeno apartamento.

a ser empreendida contra toda a família que os “tratam como bicho” (RODRIGUES, 1990) é aproveitar a ocasião, pois, “chegou a nossa hora. (*respira fundo*). O que você vai fazer com seu pai é muito pior que a morte” (RODRIGUES, 1990). Assim, Patrício convence Serginho a permitir que o pai se case com Geni, pois “esse casamento é preciso, sabe por que? Porque você vai cornear seu pai! Compreendeu agora? (RODRIGUES, 1990).

As tias também são persuadidas por Patrício e permitem o enlace matrimonial, mas mantêm-se condizentes com seus perfis hipócritas. Resolvem que para todos os fins, Geni se casou virgem, mesmo porque “a gente olha para Geni e não diz que ela foi da zona” (RODRIGUES, 1990).

Executando o que planejou com o tio, Serginho trai o pai e torna-se amante de Geni, que se apaixona por ele. Contudo, parte do plano não se realiza, que era aguardar o momento em que “todo mundo presente. Teu pai numa cabeceira e você na outra. E você, então, diz isso, apenas uma palavra basta! – “Cabão”. Só, nada mais!” (RODRIGUES, 1990). Ao ser indagado da demora em humilhar o pai na frente de todos, Serginho afirma que não tem mais aquele ódio.

Ao final, depois de uma noite de amor, Serginho revela a Geni que decidiu viajar para fora do país e passar ao menos um ano afastado de todos. Diz que precisa de um lugar onde ninguém o conheça, nem saiba o que se passou na prisão. Argumenta que precisa não ser identificado com o acontecido para se sentir “um sujeito como os outros, igual aos outros” (RODRIGUES, 1990).

Todavia, Serginho não estava preocupado com sua imagem maculada pelo estupro, ao contrário, apenas diz isso para se manter fiel ao padrão de hipocrisia que rege sua família e a sociedade em que vive. Patrício descobre que na realidade o moço fez uma viagem, mas “de núpcias com o ladrão boliviano. Vão continuar a lua de mel. Serginho não voltará nunca mais” (RODRIGUES, 1990).

Após essa revelação:

(escurece o palco. Desaparecem todos. Luz sobre a cama sem amor. Pela última vez ouve-se a voz de Geni gravada). Teu filho fugiu sim, com o ladrão boliviano. Foram no mesmo avião. Estou

só, vou morrer só. (*Num rompante de ódio*). Não quero nome no meu túmulo! Não ponham nada! (*Exultante e feroz*). E você, velho corno! Maldito você! Maldito o teu filho e essa família só de tias. (*Num riso de louca*). Lembranças à tia machona. (*Num último grito*) Malditos também os meus seios! (RODRIGUES, 1990).

A gravação expõe o tempo da morte que já é passado para a voz reproduzida da prostituta Geni. Diante da revelação, Herculano nada pode fazer a não ser lamentar o que se passou entre ele e seus familiares, que se reconhecem transformados, expostos e desestabilizados pelos acontecimentos reveladores de um passado hipocritamente incólume.

Considerações finais

“Toda Nudez será Castigada” (1990) nos ajuda refletir acerca do conservadorismo que parece reger a organização sócio política nacional, nesse sentido, sua obra mostra-se atualíssima. Há tempos não se presenciava unidade tão intensa entre Católicos e Protestantes no Brasil como o que ocorreu a partir dos anos 2013 e 2014, período no qual tramitou no Congresso Nacional o PNE (Plano Nacional de Educação).

A unicidade teve como centro o posicionamento contrário ao debate acerca da equidade de gênero e o combate à discriminação motivada por orientação sexual e identidade de gênero nas escolas. As argumentações contrárias a questão foram sustentadas pelo pseudo conceito “ideologia de gênero”, termo esse que nunca esteve presente nos estudos feministas, gays, lésbicos, *queer* ou qualquer estudo do campo das humanidades. No entanto, os fundamentalistas bradaram-no via cultos, missas, canais evangélicos de televisão, canais de *YouTube* entre outras mídias e veículos de comunicação, conforme demonstrado por Dip, Eggert e Reis (2018).

Fundamentalistas argumentam que existe certa “ideologia de gênero” que coloca em risco as famílias, a inocência infantil, o próprio sexo biológico e instaura a promiscuidade, a perversão e a pedofilia dentro do espaço escolar. Buscam, como as personagens da peça rodrigueana, “proteger” a inocência infantil e evitar que se tornem lésbicas, gays ou transgêneros.

REFERÊNCIAS

Assumem, assim, o papel das tias cristãs, puritanas, mas que na realidade mantem o segredo de ter entre elas “a machona” (RODRIGUES, 1990).

Recentemente a filósofa estadunidense Judith Butler tem sido um dos nomes mais criticados pelo agrupamento formado por Católicos radicais, evangélicos e conservadores. Descrita como a grande mentora da destruição dos lares, da moral e dos bons costumes. A agitação provocada pelos fundamentalistas gerou confusões, desconfianças e mesmo certo pânico em torno as distorções trazidas pelo pseudo conceito “ideologia de gênero”, que conforme dito, foi amplamente divulgado (DIP, 2018).

O resultado desse processo foi a retirada não apenas da discussão sobre gênero no espaço escolar, como também a ocultação da própria palavra no PNE e em diversos Planos Estaduais e Municipais de Educação. Parece, portanto, que a educação brasileira pretende ser regida pelas tias rodrigueanas, que acreditam ser possível evitar o inevitável que é a existência da sexualidade que nos constitui, bem como a diversidade sexual que também nos caracteriza. Na ficção de Nelson Rodrigues o final foi trágico culminando no suicídio de Geni, na falência do projeto de educação moralista conservadora empreendido pelas tias e no abandono de Herculano, que se vê traído por todos e por si mesmo. No que tange a questão educacional brasileira, o processo conservador que se abate sobre ela marca evidente retrocesso no que diz respeito a construção de uma escola plural, reflexiva e democrática.

- DIP, Andrea. A tal “ideologia de gênero”. In: _____. **Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018. p. 100-114.
- FREUD, Sigmund. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. In: _____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dória”) e outros textos [1901-1905]**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 20-172.
- MAGALDI, Sábato. Introdução. In: _____. **Teatro completo de Nelson Rodrigues: Tragédias cariocas II**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 7-50.
- MIGUEL, Luís Felipe. A emergência da direita brasileira. In: _____. **O ódio como política: a reinvenção das direitas brasileiras**. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 17-26.
- MONTEIRO, Gabriela Lírio Gurgel. Toda Nudez será castigada – da dramaturgia à cena. **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**. Londrina, v. 25, n. 6, p. 1-72, nov. 2013.
- REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de Gênero; Uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.38, n.138, p. 9-26, jan./mar. 2017.
- RODRIGUES, Nelson. Toda Nudez será castigada. In: _____. **Teatro completo de Nelson Rodrigues: Tragédias cariocas II**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p.154-242.
- RUBIN, Débora. Por que os jovens não usam camisinha? **Istoé**. Rio de Janeiro, v. 78, n. 2539, p. 98-138, ago. 2010. Disponível em: <https://istoe.com.br/115546-por+que+os+jovens+não+usam+camisinha+/>. Acesso em: 18 ago. 2018.
- TAQUETTE, Stella. Feminização da AIDS e adolescência. **Rev. Adolescência e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 33-40, jan./mar. 2009.
- WINNICOTT, Donald W. A imaturidade do adolescente. In: _____. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 116-129.
- WINNICOTT, Donald W. Adolescência: Transpondo a zona das calmarias. In: _____. **A Família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2018, p. 115-129.